

ESTÁGIO: MOMENTO DE OUSADIA E PRODUÇÃO*

**Cristiane Silva Zilli,
Gislaine Fleith****

RESUMO

Nosso trabalho parte da disciplina Prática de Ensino em Educação Física/2º grau, onde nesse momento sentimos a necessidade de experimentarmos uma proposta pedagógica diferente daquela que percebemos ainda dominante em nosso curso. Buscamos, aqui, contar um pouco desse processo que foi, para nós, de extrema ousadia.

ABSTRACT

Our work result from the discipline "teaching practice in physical education/high school" and from our proposal, different from that dominant in our course. We will try to report a little about this process, which for us was extremely audacious.

* Trabalho elaborado a partir do Relatório Final, apresentado pelas autoras, da disciplina Prática de Ensino de Educação Física do 2º Grau, do curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC, sob a supervisão da Profa. Ivana Martins da Rosa.

** Acadêmicas do curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC.



ste Relatório de Prática de Ensino de 2º grau 96.1, tem como objetivo relatar/analisar/socializar nossa intervenção pedagógica através do estágio, realizado no Colégio de Aplicação

(CA) da Universidade Federal de Santa Catarina, buscando apontar caminhos para nossa futura atuação profissional.

Por não ter tido uma experiência anterior do estágio de 1º grau muito estimulante, entramos neste sem grandes expectativas, pois pensamos que a vontade de obter resultados imediatos é algo inerente ao estagiário, e quando isto não ocorre, acabamos frustrados e desgastados pelas esperanças empregadas. Além do que, o estágio para nós não é uma tarefa muito fácil, pois junto com ele temos muitas outras disciplinas que exigem o mesmo grau de dedicação dificultando o nosso desempenho, sendo necessário tempo para planejar, executar, avaliar e reavaliar os procedimentos empregados.

Todo início de estágio é a mesma coisa, ansiedade em conseguir um horário adequado, escolha da turma, o que planejar, como atuar etc. O nosso caso não foi diferente. Isso nos preocupou ainda mais quando a professora apresentou-nos restritos horários em poucas escolas para a realização do estágio. Outra dificuldade, foi conciliar nossos horários, pois fazíamos disciplinas diferentes e os desencontros eram maiores. Por fim, surgiu uma turma de ginástica, no CA, no período matutino, 07:45 às 08:50h, nas 2as. e 6as. feiras. Pensamos, é esse mesmo! Vamos lá ver...

Para começar gostaríamos de salientar que a princípio, nosso real objetivo em escolher a ginástica era de “não nos incomodarmos com o estágio”, isso porque ambas possuíamos experiência com ginástica de academia e dança, o que seria muito mais fácil planejar e executar as aulas reproduzindo o nosso conhecimento.

Conhecendo a Terra...

O início do planejamento necessita do diagnóstico do colégio, para que possamos saber que linha de ação o norteia, qual o seu objetivo, que propostas pedagógicas apresentavam os professores, etc. Embora trabalhoso, chegamos a conclusão de que foi importante diagnosticar a realidade do colégio, pois assim, pudemos conhecer a realidade dos alunos, dos professores, perceber contradições, entre outras.

O CA está inserido no Campus Universitário, propõe-se a ser um colégio experimental, possibilitando desta forma um amplo campo de estágio para os cursos interessados. A filosofia norteadora do CA é a “prática social concreta, tendo objetivo a superação do estágio de senso comum e a passagem para a consciência crítica, pretendendo formar um homem livre, consciente e comprometido com a promoção de mudanças sociais concretas”. Quanto ao objetivo geral do CA, “ele se propõe à transmissão, produção e apropriação crítica do conhecimento com a finalidade de instrumentalizar a responsabilidade social e afirmação histórica dos educandos.” (Manual do Estagiário, CA/UFSC:1993)

O objetivo da Educação Física está vinculado ao objetivo geral do colégio citado acima, pois teoricamente, tenta através do movimento estimular o aluno a tornar-se um sujeito livre, consciente, responsável e crítico. Suas aulas são realizadas da seguinte maneira: de 1ª a 4ª série do 1º grau, dentro da grade curricular; de 5ª a 8ª série do 1º grau e da 1ª a 3ª série do 2º grau, no horário oposto a grade curricular, sendo que no 2º grau os alunos tem a possibilidade de optar pela modalidade esportiva que mais se identificam. Cabe ressaltar que a partir da 5ª série do 1º grau as turmas são separadas em “meninos” e “meninas”.

Embora tenhamos conseguido diagnosticar o colégio e sua estrutura de funcionamento, não nos foi possível participar mais ativamente da vida do CA, devido a implicações acadêmicas. Uma das participações foi o Conselho de Classe das turmas de 1º ano do 2º grau, onde não há presença de alunos ou representantes de turma, havendo somente professores, orientador pedagógico, e o coordenador do conselho. Pudemos observar também que muitos dos professores presentes ao se pronunciarem, apresentavam em seu discurso, a adesão ao que consideramos de “Educação Bancária” (Paulo Freire, 1987), entrando em contradição com o objetivo do colégio.

Como já citado anteriormente, a turma escolhida era feminina que optou pela modalidade ginástica. Ao observarmos a primeira aula, percebemos que a professora tinha uma linha de ação muito diferente da qual achávamos que iríamos encontrar, ou seja, aquela que

encontramos nas academias, e que a princípio era a nossa referência. Sua ginástica era mais voltada para o alongamento e expressão corporal, tentando atingir através disso a conscientização corporal de suas alunas.

E as alunas? Bem, faziam os exercícios mecanicamente, sem questionarem nada, e algumas faziam questão de demonstrar que não gostavam deste tipo de aula, mas não argumentavam quando interrogadas. Percebemos, também, a introversão da turma, pois haviam alunas de diferentes turmas, o que evidenciou a formação de “grupinhos”.

Diante disto, como planejar?

Escolhendo a Semente...

Esta pergunta nos atormentou por algum tempo, pois a partir do diagnóstico realizado sentimos a necessidade de uma proposta pedagógica baseada em uma intervenção mais crítica em relação a ginástica, buscando construir a partir daí a ginástica da escola. Para nós, essa ginástica da escola está vinculada à diferentes possibilidades de atividades de criação, espontaneidade, desinibição e principalmente a oportunidade de trabalhar em grupos expondo e defendendo no coletivo as idéias individuais. Cabe ressaltar que a professora da turma nos deu ampla liberdade de ação, pois sua prática pedagógica caminhava também neste sentido.

Na perspectiva de construir a ginástica da escola, baseamos nossas aulas em dois princípios:

- Co-participação: onde buscávamos a participação efetiva das alunas durante o processo, possibilitando às mesmas também o poder de decisão;
- Problemática: a partir disto, procurávamos despertar a reflexão sobre a ação, na tentativa de instigar as alunas a irem além da reprodução de movimentos. (Hildebrandt/ Langing 1986)

Neste sentido, nossa proposta era provocar reflexões a respeito do movimento corporal e suas diferenciações (autônomo X reprodutor), visando ampliar o conhecimento das alunas, de forma a contribuir na transformação de sua própria realidade.

Lançando a Semente...

Inicialmente, o medo de estar a frente de uma turma “desconhecida”, a insegurança de encarar uma realidade escolar também “desconhecida”, e a inexperiência em atuar como professores nos causaram uma certa sensação de ansiedade, no sentido de conciliar teoria/prática. Isso porque, até então, passamos no nosso curso de formação por uma longa “hibernação teórica” (Fazenda, 1994) impedindo-nos de estar em contato com a realidade escolar antes do período de estágio.

Frente a isso, como atuar?

Talvez devido a essa ansiedade, que desde o primeiro momento buscamos ousar na tentativa de avaliar a aplicabilidade de nossa proposta pedagógica, frente a esta realidade. Essa ousadia serviu de suporte para as aulas

posteriores, procurando através disso identificar o nível de aceitação das alunas, bem como a postura que deveríamos assumir durante todo o processo.

Dentro deste contexto pudemos analisar que teríamos condições de buscar diferentes possibilidades de experimentar a ginástica e a dança enquanto forma de criação, espontaneidade, criticidade e expressividade, tentando desmistificar o movimento corporal padronizado, presente nas alunas, geralmente vivenciado nas academias e referendado pela mídia. Tais movimentos, por estarem incorporados nas alunas, dificultavam a sua expressão corporal. Podemos evidenciar isso em uma aula que a turma foi dividida em grupos, onde cada grupo recebeu uma música que deveria ser interpretada corporalmente.

No decorrer da atividade, ficou caracterizada a dificuldade de criação, pois os grupos permaneceram sentados, ensaiando verbalmente os movimentos que seriam executados, sem experimentação. Por mais que tentássemos problematizar, buscando novas formas, evidenciou-se a reprodução e repetição de movimentos já vivenciados anteriormente. Em contrapartida, na finalização da aula, fomos surpreendidas pelo grau de discussão que a turma apresentou, onde conseguiram identificar o que já havíamos constatado inicialmente.

Pudemos encontrar os aspectos acima citados, em outra aula onde trabalhamos com o tema Ginástica Afro-Aeróbica, que possui os mesmos princípios da Ginástica Aeróbica, diferenciando-se pelos movimentos e ritmos. Além destas características, a Ginástica Afro-

Aeróbica tem em suas raízes a cultura africana, que também foi abordada na aula, procurando com isto explicar os significados de cada movimento.

No decorrer da aula, percebemos uma forte resistência na realização de certos movimentos, sendo considerados pelas alunas como “obscenos”. Isso talvez se deva ao fato de que as alunas não conseguiram ver sentido/significado em realizá-los. Entretanto, se analisarmos algumas danças comercializadas (ex: dança da Garrafa), dançadas por elas, podemos perceber que os seus movimentos tem origem na dança africana, podendo comprovar nessa aula, a forte influência dos meios de comunicação.

Entre os conhecimentos/conteúdos trabalhados, podemos citar: Ginástica Afro-Aeróbica, Ginástica Aeróbica, Ginástica Localizada, Teatro, Dança do Ventre, onde procurávamos estruturar esses temas em nossas aulas, de modo que as alunas pudessem contribuir para o seu acontecimento, não na posição de espectadora/reprodutora, mas na função de sujeito. Porém, essa busca de uma relação de sujeitos, para nós não foi tarefa fácil, isso porque nossa formação ainda está baseada na abordagem de Aptidão Física e aliada aos valores tradicionais que carregamos ainda muito fortes, constantemente entravam em choque com o objetivo proposto para esse período.

Assim como nós, as alunas apresentavam muitas dificuldades na realização das aulas, isso porque, sua formação, segundo elas, também têm o apoio de posturas tradicionais que inviabilizam uma participação mais efetiva.

Para melhor fundamentação, utilizávamos em algumas aulas, de textos com informações históricas e científicas, com o objetivo de contextualizar o assunto na realidade das alunas. Porém, a utilização desse instrumento na turma não foi bem aceita, isto porque a visão de Educação Física neste contexto, ainda está vinculada à “prática”.

Podemos destacar as avaliações realizadas ao final de cada aula como um ponto forte deste processo. Isso nos permitia, juntamente com as alunas, perceber os avanços e dificuldade, tentando coletivamente propor alguns encaminhamentos, na perspectiva de ir além do que já havíamos construído.

É Hora da Colheita...

Na esperança de obtermos êxito com a nossa ousadia, vencemos aquele medo que nos tomou ao iniciarmos o processo. Podemos concluir que alcançamos resultados significativos através do que conseguimos construir. Esse progresso, apesar de não ter sido completamente evidenciado no movimento corporal, o foi no crescente nível de discussão apresentado pelas alunas, o que consideramos um grande avanço. Essas discussões, representavam-nos dificuldades em argumentações para sustentação de debates, estimulando nossa maior procura de fundamentação teórica, assim como a excessiva procura pela professora da turma.

Devido ao curto período de tempo proporcionado ao estágio, sentimos que abordamos muito sucintamente os temas ministrados, percebendo que muito havia para se trabalhar ainda. Des-

sa forma, alcançamos “muito” em relação ao tempo, e ficamos imaginando o quanto mais poderíamos ter avançado. Porém, não podemos dizer que isso inviabiliza a possibilidade de uma participação mais crítica dentro do processo escolar, procurando no período de estágio, não só usufruir da escola, mas deixar contribuições significativas.

Tendo em vista os “percalços” ao longo da nossa caminhada, consideramos de suma importância a construção de novas propostas pedagógicas, na perspectiva de estarmos cada vez mais refletindo as diferentes possibilidades de intervenção na realidade escolar.

Esperamos que esse trabalho contribua como fonte de subsídios, na busca de novos caminhos para a transformação da Educação Física que tanto almejamos.

Referências Bibliográficas

- COLÉGIO DE APLICAÇÃO-UFSC.
Manual do Estagiário. Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, 1993. 11p. (Mimeogr.)
- FAZENDA, Ivani C. Arantes. *O papel do estágio nos cursos de formação de professores*. In: A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado. Campinas : Papyrus, 1994.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17.ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987.
- HILDEBRANT, R. & LANGING R.
Concepções abertas no ensino da educação física. Rio de Janeiro : Ao Livro Técnico, 1986.